



R Que explicação lhe foi dada para a construção do plantel não decorrer como seria o ideal?

PM - A parte financeira foi sempre o grande entrave. Dou este exemplo: Quisemos o Fransérgio e o Dyego Sousa e não conseguimos. Eram dois jogadores muito importantes para o que pretendíamos.

❷ Criou-se um problema de falta de reposição do talento perdido?

PM - Sim. E a qualidade que veio, veio tarde.

❸ A remodelação da defesa, com várias saídas e entradas, era um ponto crítico que o preocupava?

PM - Perdemos praticamente a defesa titular. Até o Pedro Henrique veio 15 dias depois de a época começar. Foi um entrave. Praticamente perdemos oito jogadores que eram importantes na estrutura. Nomeadamente o Prince, que apesar de não ter jogado muito era válido e útil, sobretudo tendo em conta que estava prevista a saída do Josué. Acabou por entrar na altura o Jubal.

❹ Estando garantida a fase de grupos da Liga Europa, foi um risco fazer tantas alterações no plantel?

PM - O que eu digo é isto: a partir de agora, o Vitória vai ter de tomar uma decisão. Se quer fazer boas épocas, os seus ativos não podem ser vendidos com a frequência com que têm sido. Ou então vai vender os seus ativos, porque há necessidade financeira de o fazer, isso eu respeito, mas sob pena de ser sempre hipotecado o futuro desportivo do clube.

❺ Essa é a chave para acontecer, de forma consistente, a tal aproximação ao topo da tabela?

PM - Depois de uma grande campanha, e para ser conseguida essa consistência, é fundamental manter a estabilidade do grupo.

❻ Como é possível o Vitória terminar oito pontos à frente do Sp. Braga em 2016/17 e logo no ano seguinte seguir ficar a... 32 pontos?

PM - Os fatores que referi anteriormente tiveram o seu peso, mas há mérito também do Sp. Braga. E do

“SE HÁ NECESSIDADE DE VENDER, RESPEITO ISSO, MAS O FUTURO DESPORTIVO DO CLUBE SERÁ SEMPRE HIPOTECADO”

Abel Ferreira, que fez uma campanha fabulosa.

❼ A fórmula encontrada pelo Sp. Braga pode ser uma referência para o crescimento vitoriano?

PM - Não sei o que se passa na casa do lado. Sei o que se passou conosco nestas duas épocas. Apontei a objetivos elevados. Não assumi apenas uma competição europeia, mas sim mais do que isso. Durante anos e anos, o Vitória e os seus responsáveis passaram uma mensa-



ENTREVISTA PEDRO MARTINS

gem, sem querer ser deselegante, que não estava de acordo com a grandeza do clube. Recuperar algo que o Vitória tinha perdido motivava-me. Assumi esse risco e não estou arrependido. Volto a dizer que os números falam por mim.

❷ Em que sentido?

PM - Não é normal o Vitória ficar em 4º lugar e ir à final da Taça de Portugal. Não é normal praticamente duplicarmos as receitas em termos de merchandising. Não é normal termos praticamente 33% de aumento de receita de bilheteira e 25% de aumento de sócios. Somando-se agora o caso do Raphinha, entre jogadores vendidos e a Liga Europa, não é normal encaixar cerca de 30 milhões de euros em dois anos. Fui dos profissionais, quer como joga-

dor, quer como treinador, que se revelaram melhores ativos e que o Vitória rendibilizou ao máximo. Sinto-me responsável por esse sucesso.

❸ Quando foi desafiado para o Vitória a ambição era elevada?

PM - Sim, senti uma enorme ambição desde a primeira conversa que tive com o administrador Armando Marques. Uma enorme vontade de mudar o estado em que o Vitória estava. A ambição era de voltar a ser o grande Vitória. Como isso me foi prometido, havia condições para fazer algo de extraordinário.

❹ Olhando para trás, parece que em 2016/17 tinha um plantel de luxo, mas teve de desenvolver vários jogadores por afirmar...

PM - Sei que sou muito criticado pe-

los adeptos porque disse que, esta época, a equipa estava mais bem preparada do que na época anterior. E volto a dizê-lo. Era isso que eu achava e observava. Quando constituímos a equipa do primeiro ano, ela não era tão forte como veio a revelar-se. Foi crescendo, ganhando uma enorme maturidade, um cor-

“ORGULHO-ME DE TER SIDO O GRANDE IMPULSIONADOR DO HINO QUE AGORA UNE TODOS OS VITORIANOS NO ESTÁDIO”

posólido. Marega, Hernâni ou Soares não estavam no nível que demonstraram; Pedro Henrique o Raphinha vinham da equipa B; o

próprio Bruno Gaspar não tinha a mesma dimensão. O nosso trabalho permitiu que, passados seis/sete meses, tivessem uma valorização completamente diferente.

❺ A questão do investimento de 13 milhões de euros surge da aposta em segurar jogadores que já estavam no clube. Aprovou essa linha?

PM - Garantir jogadores como o Pedro Henrique, o Hurtado ou o Celis fazia todo o sentido. Até porque sou apologista de que quanto menos jogadores emprestados tivermos, melhor para nós. Esse foi um fator que sempre disse que era importante, o de integrar esses jogadores nos quadros do clube. Agora, essa parte da gestão financeira não é da minha responsabilidade.

❻ Esperava um desgaste tão rápi-